

X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

A Cultura das margens e o espaço segregado em São Paulo.

Marco Antonio Bin.

Cita:

Marco Antonio Bin (2013). *A Cultura das margens e o espaço segregado em São Paulo*. X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-038/74>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

X Jornadas de Sociología de la UBA

20 años de pensar y repensar la sociología. Nuevos desafíos académicos, científicos y políticos para el siglo XXI – 1 al 6 de julio de 2013

Mesa: 06 – La ciudad desde los márgenes: actores, conflictos y acceso a la ciudad.

Título de la ponencia: **“A Cultura das margens e o espaço segregado em São Paulo”**

Autor: *BIN, Marco Antonio - PUCSP*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é pesquisar os processos que levam a população residente das periferias de São Paulo a participar dos saraus poéticos, seja produzindo o que chamo de *escritura marginal* (poética ou em prosa) – e nesse caso, também evocando-a, no que se constitui a performance poética – seja entretendo-se com as declamações. Meu objeto de estudo é o sarau poético da *Cooperifa* (Chácara Santana, subprefeitura do M´Boi Mirim), localizado a sudoeste da cidade de São Paulo.

Faço uma abordagem da formação e crescimento da grande cidade industrial, baseando-me em obras que discutem, do ponto de vista geográfico e sociológico, os processos de organização socioespacial da cidade de São Paulo, desde meados do século XX até os nossos dias, quando destaco os aspectos da segregação urbana.

Procuró discutir a formulação do território urbano, a evolução da reprodução do espaço ao longo do tempo, para então realizar uma aproximação do pedaço, da *quebrada*, a localidade onde se pratica a escritura marginal, e dessa maneira avaliar o significado dessa escritura, seu apelo a uma *identidade periférica*, sua apresentação performática, concluindo com seus desdobramentos nos *territórios da precariedade*, como manifestações culturais para além dos saraus, como resistência social.

1 – A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM SÃO PAULO

Na década de 1960 até princípios da década seguinte, tínhamos em São Paulo uma demarcação simplificada e mais clara dos bairros centrais (mais ricos) e dos bairros periféricos (e pobres). Conforme Tereza Caldeira, “as pessoas de diferentes classes sociais não só estavam separadas por grandes distâncias, mas também tinham tipos de habitação e qualidade de vida urbana radicalmente diferentes” (CALDEIRA, 2000, p. 227). Foram anos em que São Paulo tornou-se figuradamente como o novo Eldorado para muitos trabalhadores de outras partes do país. Em fins dos anos 1950, a nascente indústria automobilística aportou na região metropolitana de São Paulo, às margens da via Anchieta, principal rodovia de ligação da metrópole com o principal porto de exportação brasileiro, o de Santos. Em poucos anos, uma série de grandes montadoras – Willis, DKW, Volkswagen, Chevrolet – tornaram a região no principal pólo industrial brasileiro, atraindo grande quantidade de

migrantes provenientes principalmente do nordeste. Entre 1952 e 1962, foram mais de 1.200.000 de nordestinos que vieram para o Estado de São Paulo, em sua maioria para a região metropolitana (mão de obra não qualificada para a indústria automobilística e construção civil), pessoas que, “saíram das regiões mais atrasadas para uma das mais avançadas e racionais do país”¹. Segundo Paul Singer,

“(…) a concentração espacial do capital se deu primordialmente em São Paulo por uma variedade de motivos, dos quais o mais importante é que a capital paulista já possuía o maior parque industrial do país (em razão) do mercado formado pela cafeicultura (SINGER, 1995, p. 124).

Essa dinâmica socioespacial é captada pelas lentes de Walter Hugo Khouri, no filme *Noite Vazia*, e por Luiz Sérgio Person, em seu contundente *São Paulo Sociedade Anônima*, dois belos registros fílmicos realizados na primeira parte da década de 1960. Em ambos os casos, a cidade deixa de ser o cenário natural para tornar-se uma personagem desassossegada, que se contorce em suas transformações urbanísticas. Sob a influência do neo-realismo italiano (no caso de Khouri, a ausência de comunicação da obra de Antonioni) e da *nouvelle-vague* (no caso de Person, a angústia dos primeiros filmes de Malle), cinematografias então dominantes e revolucionárias na construção da narrativa, vemos a que preço o lema de São Paulo, a cidade que não pode parar, se consolida no imaginário da população paulistana.

As personagens de *São Paulo Sociedade Anônima* são a representação de uma burguesia que, ao mesmo tempo que usufrui as benesses de um desenvolvimento industrial intenso, mergulha numa existência alienada e conformada. É importante destacar que Person estava influenciado pelos acontecimentos políticos do país, já que terminou de rodar seu filme pouco depois do golpe militar de 1964, contra o governo João Goulart.

Foram anos de grande desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, de forte concentração de renda. Surgiram, em decorrência do grande aporte migratório, os subcentros populares (que se desdobrarão nas periferias pobres dos anos 1970), então isoladas e distantes, como contrapartida à uma classe média mais enriquecida e moradora nos bairros centrais.

Simultaneamente a esse processo de enriquecimento das classes média e alta paulistana, temos a outra vertente, o lento desencanto dos migrantes que integravam as classes trabalhadoras – em sua maior parte de origem nordestina – e que ocupavam os bairros de uma periferia ainda em formação, com grandes áreas sendo loteadas para a autoconstrução. Essa migração interna, iniciada nos anos 1930, segundo Caldeira,

“(…) levou a um novo padrão de segregação urbana, que iria caracterizar São Paulo nos 50 anos seguintes. No novo arranjo, pobres e ricos viveriam separados: distância, crescimento econômico e repressão política permitiram uma peculiar desatenção de um em relação ao outro” (CALDEIRA, 2000, p. 218).

A discussão sobre o crescimento acelerado das metrópoles, acompanhado igualmente por um rápido crescimento da população “marginalizada”, segundo Singer, desperta apreciações contrárias a esse

¹ Sarno, Geraldo, in *Viramundo*, 1965.

processo, em outras palavras, uma crítica anti-urbana. Em razão dessa “análise reacionária”, afirma que “(...) esse tipo de crítica do desenvolvimento capitalista, em lugar de apontar suas contradições, volta-se contra as consequências da transformação estrutural, condenando-a por seu ritmo excessivo” (SINGER, 1995, p. 118). Procura demonstrar que o desarranjo da estrutura urbana paulistana se deveu aos equívocos das políticas adotadas na época, e não exclusivamente da migração massiva que a cidade recebeu, como se quis acreditar. E afirma que “a demanda de serviços, numa economia capitalista,

(...) cresce em função da renda e não em função da população (idem, p. 126), mostrando em um exemplo didático a distinção entre uma família que chega a São Paulo com renda garantida e outra que não tem renda, nem lugar de acolhida. De modo que, para Singer, “(...) as únicas maneiras de se reduzir os desníveis entre demanda e oferta de serviços urbanos seriam ou deter a expansão da economia urbana ou planejá-la a longo prazo” (idem, p. 127).

E conclui o pensamento:

“Qualquer que seja o volume de desemprego disfarçado² em São Paulo, é fácil ver que ele deve ser muito menor que na maioria das cidades brasileiras, cuja população (nesta situação) cresce mais devagar ou simplesmente decresce. Visitando-se tais cidades, a desocupação de numerosas pessoas, em suas variadas formas, salta aos olhos. Obviamente uma grande parte dos imigrantes vem a São Paulo de tais cidades. Se houvesse alguma maneira de impedi-los de vir a São Paulo tentar sua sorte no mercado de trabalho, o desemprego em São Paulo talvez diminuísse algo, mas o desemprego urbano no país seria ainda maior. No fundo, o grande movimento migratório para a grande São Paulo nada mais significa do que o deslocamento da oferta de força de trabalho para onde mais cresce a demanda” (idem, p. 128-129).

No que diz respeito aos transportes, com o adensamento dos bairros distantes nos anos 1970, as distâncias são cobertas por um sistema de transportes coletivos (ônibus), que aprofunda o novo padrão de urbanização. Ao longo da década de 1960, a cidade de São Paulo enterrou sob o asfalto cerca de 600km de trilhos de bondes e optou pelo automóvel, produto disponível em larga escala, para atender as demandas de uma classe média ascendente. No caso dos trabalhadores pobres, cada vez mais ficam na dependência do transporte de ônibus, um sistema “irregular e aleatório, projetado para servir, sobretudo, aos interesses imobiliários” (CALDEIRA, 2000, p. 220), uma vez que seus empresários eram também especuladores imobiliários.

Ao final dos anos 1970 e ao longo da década de 1980, aprofundam-se as conquistas dos moradores graças a alguma mobilização (agora organizados em comunidades de bairros e com mais poder reivindicativo junto ao poder público). Temos então:

² De acordo com Paul Singer, “*um desempregado disfarçado seria alguém cuja produtividade marginal é nula ou mesmo negativa*”.

“A luta dos moradores em loteamentos clandestinos pela regularização e melhoria dos seus bairros; a partir de 1981, as ocupações coletivas de terras ociosas, que colocam em xeque o direito de propriedade privada sobre bens de interesse social; os violentos e frequentes quebra-quebras de ônibus e trens; as ruidosas mobilizações e acampamentos, nas portas dos órgãos públicos, criam o ambiente propício para a denúncia dos problemas da população trabalhadora urbana (BRANDT (org.), 1989, p. 72).

Com o poder público incapaz de (ou pouco sensível em) planejar os aspectos estruturais da cidade visando gerir uma crise urbana que se aprofunda com o gigantismo cada vez maior da cidade (e da região metropolitana de SP), a segregação urbana se acentua:

“Como o enorme crescimento quantitativo da população (década de 1980) não pôde ser atendido pela solução habitacional tradicional, baseada no loteamento periférico e autoconstrução – principalmente por causa do crescente custo da terra – foi-se gerando uma crise habitacional de novas características” (idem, p. 73).

Cresce a favelização da cidade de modo vertiginoso, alcançando as zonas de proteção de mananciais, várzeas e encostas. Os problemas de enchentes se aprofundam, além da poluição ambiental e erosão dos solos. Já nos transportes públicos, persistem os privilégios às empresas privadas, que exploram as linhas de acordo com a lucratividade aferida. O poder público

“(…) ao interferir na questão do transporte, tem-se limitado a tratar da demanda como um problema em si, sem maiores preocupações com um planejamento do uso do solo que evitasse o crescimento da demanda por deslocamento” (idem, p. 105).

Assim, diariamente, milhares de trabalhadores deslocam-se da zona leste (pela ausência de um distrito industrial na região que pudesse absorver a mão-de-obra existente), constituindo grandes congestionamentos do sistema de transportes.

O parco investimento público na política de transportes da cidade combina-se à opção pelo veículo individual como prioritário, até porque é o meio de transporte preferido pelas classes de maior renda. Mesmo em situações de crise, não ocorre uma planificação de fôlego, pensando-se em longo prazo:

“O conflito entre transporte individual e coletivo tem sido central no debate sobre o deslocamento urbano (...). É certo que se tentou, a partir da primeira crise do petróleo (1973/74) criar faixas exclusivas para os ônibus e linhas de ônibus executivas, além de outras iniciativas para desestimular o uso do automóvel. Essas ações, no entanto, estavam muito mais vinculadas ao objetivo de economizar combustível do que ao de implantar uma política de transportes coletivos, capaz de melhorar as condições de deslocamento da maior parte da população” (idem, ibidem).

Pouco se faz pensando nas periferias. As tarifas sobem, a pedido das empresas do setor privado, ao passo que o arrocho salarial e o desemprego se agravam. A qualidade do serviço é ruim e o conforto é dos piores, com trens

suburbanos e ônibus lotados. Não há interesse em renovação do sistema, e se revela também nos transportes

“(…) como os recursos públicos são distribuídos desigualmente entre os diferentes setores sociais e como a segregação espacial das populações urbanas tornou-se um instrumento adicional da desigualdade econômica” (idem, p. 111).

A São Paulo que temos nos anos 1990 “(…) é mais diversa e fragmentada do que a dos anos 1970. (...) A oposição centro-periferia continua a marcar a cidade, mas os processos que produziram esse padrão mudaram consideravelmente (...)” (CALDEIRA, 2000, p. 231). A segregação espacial é a resultante de uma segregação social que se aprofunda. Temos a reprodução de um espaço que se valoriza velozmente a partir da especulação imobiliária, tornando-se em um espaço cada vez mais fragmentado, interligado pelo veículo individual, símbolo de status do capitalismo.

Segundo Tereza Caldeira, ocorre a procura de novas áreas de moradia pelos mais ricos, que outrora eram ocupadas pelos mais pobres. Ao longo dos anos 1980 até meados dos anos 1990, os bairros centrais perdem população das classes média e alta para distritos considerados mais pobres, no sudoeste da cidade, já que permite a aquisição de amplos lotes (a menor custo que nas regiões centrais) por parte das construtoras para promoverem seus empreendimentos (condomínios fechados). Nessas novas áreas, “o principal tipo de habitação é o enclave fortificado” (idem, p. 231). Tal definição, para os bairros ou setores de moradias de classe média e alta, se assemelha ao que Bauman chama de guetos voluntários. Por extensão, para os bolsões de pobreza, ele denomina de guetos reais (BAUMAN, 2000).

Aproveito e abro um parêntese para desenvolver brevemente o conceito de gueto urbano desenvolvido por Bauman, e que resulta no processo de segregação urbana, cujo objetivo é obter a segurança que o poder público é incapaz de promover. Logo, aqueles que podem pagar, se estabelecem no que se denomina de gueto voluntário³ (algo semelhante ao enclave fortificado designado por Caldeira), espécie de projeto de comunidade em que prevalece a mesmice, a ausência do outro que teima em ser diferente (BAUMAN, 2000, p. 104). Por trás da concepção do gueto voluntário subsiste o sonho da comunidade do bairro seguro. Em sua área interna de circulação, os iguais comungam de um hipotético convívio calcado na liberdade, ainda que confinados e segregados dos diferentes, que habitam a selva do lado de fora. Sua função é selecionar os iguais, garantidos pela segurança dos muros e de sistemas de alarme, impedindo a entrada de intrusos (idem, p. 106).

De outro lado, como consequência desse movimento que envolve a proteção das classes de renda alta e da ocupação e reprodução do espaço a partir de interesses corporativos imobiliários, surgem os guetos reais, que em sua caracterização mais rigorosa por Bauman, é um mero “depósito (de pobreza), do qual a sociedade circundante não faz uso econômico ou político” (idem, p. 108). Ainda que se possa considerar em seu interior uma vida marcada pela mesmice, o gueto real implica na negação da liberdade, na medida em que entendamos liberdade como manifestação das vontades do

³ Para Bauman, os *guetos voluntários* aliam “confinamento espacial e fechamento social”; tentam reproduzir a ideia do “bairro seguro” privilegiando a homogeneidade interna, no lugar da heterogeneidade naturalmente observada em qualquer convívio social.

cidadão em um estado de direito estabelecido, pois a cidadania se explicita pelo direito de ficar e/ou de mudar, se ele desejar. Os indesejáveis sociais são presos ao chão, em um paradoxo insustentável com a dinâmica pós-moderna, já que “em um mundo que valoriza a mobilidade, o confinamento e a imobilização representam uma arma de exclusão e degradação social” (idem, p. 109).

Um registro elucidativo sobre a guetificação urbana ocorre no DVD “Mil tretas, mil trutas”, do grupo Racionais MCs. Em um determinado momento, há um corte das imagens dos shows e temos Mano Brown e seus companheiros, imersos no negrume da noite, em uma rua silenciosa de um bairro de classe alta. Estão diante de um muro com cerca eletrificada. Fala Brown para a câmera que registra a cena:

“Tem uma câmera ali, tá filmando nós já, ó. Não sei se é uma empresa ou casa. A cerca é eletrificada, olha. E a guarita ali (indica para um ponto fora do quadro), (a casa) está totalmente vigiada. Mas aqui nesse bairro os caras já estão em ‘choque’. Mas imagina se vem mil da periferia, numa noite, dar um ‘pião’ aqui?... Só de andar à pé, com a mão no bolso... ‘Cês querem o quê aqui?... Ah, tamo dando um pião aí... Tamo na cidade de São Paulo’... Tá demarcado aqui que favelado não pode entrar? Agora, não pode por quê? Tem uma placa transparente... Ora, se os irmãos quiserem vir, eles (os moradores) vão fazer o quê?... No nosso caso, por preferência, nós ficamos na nossa quebrada... Por preferência! Porque aqui não tem nada. Vocês tão vendo aí, ó. É morto. Você não vê criança na rua jogando bola, você não vê cachorro... Você não vê ninguém na rua, não vê uma batucada, você não ouve criança chorando... Selva de pedra (a rua mostrada em perspectiva). É o mundo morto, envelhecendo. É o mundo que tá envelhecendo aceleradamente, é esse mundo aqui. (Apontando para o muro com a cerca eletrificada) É esse mundo aqui (...) A periferia está crescendo monstruosamente... jovem”...

No contraponto com Bauman, a ausência de liberdade enquanto cidadão é “compensada” por uma liberdade de movimento, pelo usufruto do prazer coletivo, pelo sabor em ver e ouvir uma criança brincando ou chorando, um cachorro andando pelas ruas, uma batucada no bar da esquina, cheio de gente. As palavras de Brown são proferidas mansamente, em tom de ironia porque ele sabe que por trás daqueles muros estão aqueles que o tornam um sujeito invisível, empurrado para o “depósito de pobreza”.

Perdendo paulatinamente as condições para a autoconstrução (menos renda, terrenos mais valorizados), a população mais pobre é expulsa para os extremos da cidade (ou para a região metropolitana), sendo levada a morar em favelas ou cortiços. Ainda que haja um deslocamento das classes de alta renda para o que Villaça denomina de quadrante sudoeste⁴, seus enclaves fortificados muitas vezes se estabelecem em áreas cujo entorno é ocupado por população de baixa renda. Dessa forma, as áreas que integram o quadrante sudoeste apenas confirmam que a segregação contenha maior concentração de ricos em relação a outras partes da cidade, ainda que não constituam a maioria. Um exemplo é a favela de Paraisópolis, um enclave de renda baixa no valorizado bairro do Morumbi. Sua localização

⁴ Farei uma abordagem mais ampla sobre esse tema no capítulo seguinte.

“propicia uma oferta maior de emprego para os seus habitantes, (sendo possível notar) antes do sol amanhecer, um contingente considerável de pessoas dirigindo-se aos condomínios de luxo. São babás, empregadas domésticas, motoristas e zeladores (...)”⁵.

Para Villaça, a estruturação interna do espaço urbano “se processa sob o domínio de forças que representam os interesses de consumo (condições de vida) das camadas de mais alta renda”, sendo que “tal estruturação se dá sob a ação do conflito de classes em torno das vantagens e desvantagens do espaço urbano” (VILLAÇA, 2001, p. 328). Todas as vantagens da mobilidade intra-urbana são garantidos por uma rede de vias de acesso apropriadas ao automóvel (vide, por exemplo, o túnel sob o Ibirapuera e a ponte estaiada, sobre o rio Pinheiros) além da grande disponibilidade de bens e serviços (restaurantes, hospitais, escolas etc. Villaça relata em seu livro a concentração de dentistas no bairro do Itaim, proporcionalmente maior que a média da cidade). Ou seja, a classe dominante dispõe das condições privilegiadas de deslocamento, permitindo que ela mantenha “perto de si seu comércio, seus serviços e o centro que reúne os equipamentos de comando da sociedade” (idem, p. 329).

Temos um cenário constituído, em que as contradições e os paradoxos sociais se superpõem. As distâncias entre o centro classe-média e as periferias pobres, separação espacial que “tornava seus encontros pouco frequentes” (CALDEIRA, 2000, p. 231), lá pelos anos 1960 e princípios dos 70, intensificou os contatos, aprofundando as tramas sociais, fazendo com que “as histórias se cruzem e se entrecruzem na dinâmica dos espaços e territórios” (TELLES, 2006, p. 79). Em outras palavras, as periferias – e torna-se necessário chamá-la assim no plural, em decorrência de sua presença pulverizada no espaço urbano – não se encontram mais contidas nas definições binárias dos anos 70, sendo necessário analisarmos suas mazelas em uma realidade pautada pela dinâmica dos circuitos sociais da pós-modernidade, pela velocidade da vida cotidiana reproduzida constantemente nos veículos de comunicação, projetando novos desejos, criando novos referenciais simbólicos, construindo novos padrões estéticos. A cidade ilegal (TELLES, 2006) não deixa de crescer, e seus atores envolvem-se nas práticas da vivência cotidiana com outros atores sociais, dentro de um jogo tenso e intrincado, que passa pelo legal e ilegal, pelo formal e informal, pelo lícito e ilícito, numa constante disputa pelo espaço urbano (TELLES, 2006, p. 80).

No filme 100% Favela, acompanhamos o processo de organização de um evento de hip-hop, do ponto de vista de um grupo de rap – o Negrodo – que toma para si a árdua negociação em seus mínimos detalhes, como escolha da área, a data mais oportuna, a logística para deslocar equipamentos de luz e som, além dos grupos de rap, o diálogo com os diversos atores sociais envolvidos, da licença junto ao poder público à permissão com o tráfico local, passando pela segurança (feita previamente pela polícia militar e no dia do show pelos próprios organizadores) e pela conversa com os moradores da rua, tudo em um delicado movimento de uma dedicada ação de ocupação do espaço público, abrindo possibilidades para a confraternização social aberta a todos, mas envolvendo diretamente os moradores da favela Godoy, no Capão

⁵ D’Andrea, Pablo Tiarajú, *A favela de Paraisópolis*, in *Diversidade*, Revista Eletrônica do Centro de Estudos da Metrópole, junho/2005.

Redondo, zona sul de São Paulo. A trama dessa construção de cidadania é registrada do início ao fim, com depoimentos dos rappers participantes, satisfeitos por realizarem um ato 100% na favela, ou, nos territórios da precariedade social. Diz Ylsão, do Negredo: “(...) A minha origem é a favela, não adianta, não tem como eu mudar, não tem como eu fugir (...) Quando eu vou pro lado de lá, que eu vejo aquele silêncio à noite, eu quero vir embora”⁶. Ylsão reproduz quase com as mesmas palavras o que pensa Mano Brown, e o que certamente pensa Ferréz, Sérgio Vaz, Allan da Rosa, Cocão, Binho e tantos outros poetas das periferias: a realidade marginal das periferias é o seu lugar.

Ao pensar-se na organização e reprodução do espaço, torna-se importante compreender que a miséria não foi abolida, mas persiste acomodada em áreas que se constituem territórios da precariedade, que ainda subsistem à margem das preocupações do poder público e da iniciativa privada. No exemplo acima, ocorre uma manifestação cultural em um dos “múltiplos pólos de gravitação das práticas cotidianas”, e que apresenta um novo padrão de segregação do espaço urbano, que no parecer de Vera Telles, define “(...) as práticas e circuitos das mobilidades e trajetórias urbanas. São elas que nos dão as pistas desses pontos de condensação e de pólos que definem a pulsação dessas dinâmicas urbanas” (TELLES, 2006, p. 85).

No exemplo do show de hip-hop da favela Godoy, despontam os percursos individuais e coletivos em uma das zonas de turbulência da metrópole, e que envolvem inflexões das histórias individuais e familiares. Tais eventos culturais (pensemos aqui também nos saraus poéticos), que se multiplicam nos espaços públicos de São Paulo, abraçam os diversos atores sociais em atividades que privilegiam o que Telles descreve como um entrecruzamento de histórias,

“(...) um entramado de linhas que se cruzam e entrelaçam, que atravessam e transbordam os domínios estritos da pobreza e da riqueza (esses que oferecem as evidências imediatas de uma cidade fragmentada ou dualizada, apartada) e vão montando um socius que ainda será preciso conhecer melhor” (idem, p. 95/96).

Esse entrelaçamento ocorre nas circunstâncias normais de vida cotidiana, no movimento de ir e vir, da casa para o local de trabalho ou para a escola, na constituição das relações sociais que se redefinem continuamente, e assim temos a cristalização desses percursos urbanos, ambiências que consolidam os encontros sociais.

Crio aqui um paralelo na análise de Telles, que envereda para os circuitos globalizados e seus pólos de gravitação, dos jovens que atravessam as diferenças sociais para transitarem em espaços que, em princípio, poderiam ser tomados como exclusivos para os das classes mais favorecidas – como a circulação nos shopping centers, e daquilo que ela descreve como percursos instáveis e descontínuos junto ao mercado de trabalho:

“E por esses circuitos fazem uma experiência da cidade tensionada entre a brutalidade das desigualdades, a sedução encantatória do moderno mercado de consumo, mas também o jogo de

⁶ Depoimento no filme *100% favela*

possibilidades e bloqueios para o acesso a uma vida urbana ampliada (...) (idem, p. 92).

Diante da evidência de mobilidade e acessibilidade disponíveis na realidade urbana contemporânea, e inseridos nesse contexto socioespacial fragmentado, é de se compreender que a miséria se acomoda em novos parâmetros, onde sua existência persiste em bolsões territoriais de indigência, ainda que possamos ver antenas parabólicas e hipermercados com seus cartões de crédito fácil a poucas quadras, na avenida mais próxima. A oferta e o consumo de bens e serviços estão cada vez mais próximos, embora se possa reiterar a questão, para quem eles são dirigidos? Quando Vera Telles situa os personagens urbanos descrevendo um entramado de linhas que se cruzam e se entrelaçam, ela decerto se refere à mobilidade contemporânea difusa, intensa, constituinte de territorialidades explícitas, mutáveis ao sabor das oportunidades de emprego. Persiste, porém, a situação de marginalidade (no sentido de estar à margem)⁷ da população de baixa renda.

Procuro a partir deste ponto, trazer à lume as possibilidades dos circuitos de cultura das periferias, mobilizadores e agregadores especialmente por aqueles atores sociais à margem, e que desejam uma participação mais efetiva, com base nas aberturas dos movimentos e das culturas populares. É sugestivo que a opção dos saraus poéticos seja de entretenimento, mas também de constituição de cidadania e do que mais adiante veremos, que proporcionam os caminhos para uma proposta de identidade. Não há mais fronteiras fixas, os avanços tecnológicos, a subtração das distâncias implodiram os fixos, as definições de classes, isso é bem verdade; mas como bem define Telles, monta-se um desenho social que precisamos conhecer melhor, redefinindo conceitos. Resta saber se devemos entender essa fruição social como um aspecto que elimina a percepção das espacialidades ricas e miseráveis do tecido urbano, desconsiderando a compreensão que temos hoje da segregação social, pautada em indicadores sociais por região.

2 – O QUADRANTE SUDOESTE

O quadrante sudoeste, de acordo com Villaça, é uma região que exerce um forte impacto sobre toda a estrutura urbana, onde “as burguesias segregadas controlam a produção do espaço urbano, dominando equipamentos centrais e não-centrais e atraindo-os para sua direção de deslocamento”. O que se observa aqui é um processo de segregação, desencadeado pelas classes mais privilegiadas da metrópole, e quando Villaça fala de deslocamento, ele se refere às “condições do deslocamento espacial do ser humano enquanto consumidor” (VILLAÇA, 2001, p. 313). Tais condições dizem respeito à acessibilidade desses espaços diferenciados produzidos para classes de mais alta renda, aos bloqueios ao usufruto dos serviços tanto privado como públicos, das classes de baixa renda. Em outras palavras, esse deslocamento segregado, seja espacial, social e econômico, promovido pelas camadas de alta renda e até induzido pelo poder público, levou as classes populares a produzirem “os seus próprios subcentros em áreas estratégicas, atendendo a grandes regiões populares” (idem, p. 315).

⁷ Cf. Kowarick, L. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975, onde se discute com profundidade o conceito ou “falso conceito” de marginalidade.

Essa segregação se observa ao nos deslocarmos pela cidade, a profunda desigualdade na paisagem, nos serviços urbanos oferecidos, nas formas de deslocamento, nas distâncias e nos tempos gastos. A desigualdade social expõe uma reprodução diferenciada do espaço e mais do que isso, define um processo de segregação social demarcados pelo quadrante sudoeste – a concentração das classes de alta renda – e as periferias – localização das pessoas de baixa renda. Em ambos os casos, não significa dizer que sejam espacialidades contínuas, com presença exclusiva de uma camada social ou outra. Como diz Flávio Villaça,

“no setor sudoeste de São Paulo, onde se concentram as camadas de mais alta renda da metrópole, é pontilhado de bairros populares, os quais podem até conter a maioria da população em um setor de alta renda” (idem, p. 142).

Considerando o entramado urbano, que revela as relações dinâmicas do território, para Villaça, “o que determina, em uma região, a segregação de uma classe é a concentração significativa dessa classe mais do que em qualquer outra região geral da metrópole” (VILLAÇA, 2001, p. 143). A concentração de pessoas de alta renda no Morumbi, por exemplo, não impede que ocorra o surgimento da favela de Paraisópolis, incrustada em uma região marcada por alta especulação imobiliária. Como diz Vêras,

“No caso da territorialidade burguesa, a distribuição espacial da população obedece às leis do mercado imobiliário e é efeito de decisões de governo e de políticas públicas, sendo as áreas residenciais sujeitas à discriminação e à segregação socioeconômica (...)” (VÉRAS, 2003, p. 25)

Por estarem nas proximidades, os moradores da favela de Paraisópolis acabam incorporados como força de trabalho nos condomínios de luxo circunvizinhos. Como vimos antes, um contingente de babás, motoristas, domésticas etc deslocam-se com facilidade para o trabalho. Mas um pouco mais a sudoeste, no entorno da estrada de Campo Limpo e mais adentro de bairros como Capão Redondo, Jardim São Luiz ou Jardim Ângela⁸, ocorre o oposto: são uns poucos condomínios de alta renda que não dispõem de trabalho para uma ampla população de baixa renda, que termina por se deslocar cotidianamente para diversos pontos da centralidade do quadrante sudoeste, nem sempre próximos, onde pode haver maior oferta de emprego. Podemos pensar o que representa o deslocamento, como ele se constitui entre as diferentes espacialidades urbanas, essa construção das trajetórias que se redefinem cotidianamente. Segundo Villaça,

“(...) as necessidades e condições de deslocamento, como também a tecnologia de transportes, variam conforme as classes sociais. Quem é obrigado a morar longe do emprego e das compras é forçado a condições mais penosas de deslocamento” (VILLAÇA, 2001, p. 181).

Essa dificuldade no deslocamento ocorre em razão dos transportes públicos serem escassos, deteriorados pelo uso, desconfortáveis pelo excesso de usuários. Na introdução deste trabalho, pude dar meu testemunho sobre o

⁸ Ao observarmos o mapa 2, podemos dizer que os três bairros citados encontram-se na fronteira do eixo de deslocamento do quadrante sudoeste.

tempo gasto pelos moradores das periferias (no caso, da região da Chácara Santana) no deslocamento em seu dia-a-dia.

Considerando as distâncias a cumprir, a falta de transporte adequado e o alto custo do lazer e serviços nos territórios do quadrante sudoeste (e áreas adjacentes), a população das periferias articulam-se em torno das atividades disponíveis nas quebradas ou em suas proximidades. Nessas áreas, além da escassa presença de equipamentos culturais, não há uma cobertura regular dos eventos pela grande mídia, de sorte que deles participa aqueles que são mobilizados pela divulgação boca-a-boca ou pela correspondência pessoal via internet. Mesmo se considerarmos os centros de consumo – como os shopping centers – ou regiões onde se concentram bares e danceterias, os points de circulação mais abertos e democráticos, não se verifica uma presença significativa de jovens pobres participando ativamente, no caso, consumindo. Em uma longa e oportuna matéria sobre a diversidade da juventude paulistana, 2.260 jovens entre 15 e 24 anos foram entrevistados, sendo distribuídos em cinco zonas, considerando uma série de indicadores sociais⁹. Em um depoimento, um jovem desempregado da zona 5 (a mais pobre), morador do bairro José Bonifácio, a 4,5km de distância, comenta:

“Não temos dinheiro para pegar ônibus, então de vez em quando a gente vai no ‘canelovsk’¹⁰ ao shopping Itaquera dar uma volta”. Outro jovem morador da mesma zona 5 diz que um “sábado legal é aquele em que alguma banda toca por perto, mas é raríssimo”.

É sem dúvida considerando esse fundo de dificuldades crônicas, que surgem ali e acolá as atividades de entretenimento barato, para arrebanhar os jovens. Os saraus, como também os shows de rap, surgem dessa necessidade de suprir demandas reprimidas de uma população carente, onde se articulam modos de convivência misturada com recreação cultural. São encontros sociais que em circunstâncias outras, não ocorreriam. Os espaços públicos na periferia não são lugares convidativos para o encontro social a partir de determinado horário. Podemos apontar a insegurança, a falta de transporte público, a presença do tráfico, a intransigência policial, como algumas dessas razões. O que não impede os participantes dos saraus (Binho e Cooperifa) de cumprirem suas peregrinações com um alento nos corações.

Os poetas e o público não encaram as distâncias enormes ou as dificuldades de acesso como um sacrifício (até porque os participantes chegam dos mais distantes bairros da cidade, ou mesmo de outras cidades da metrópole), mas como uma oportunidade a mais para realizarem seus desígnios poéticos.

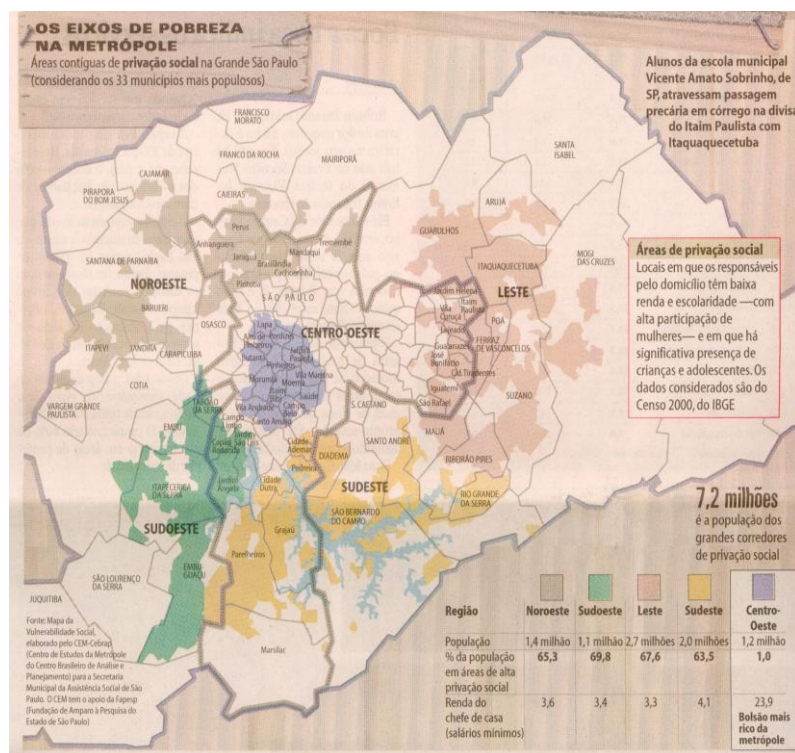
O mapa 1, abaixo, nos oferece os dados dos eixos da pobreza na cidade e na metrópole de São Paulo. Destaca-se ao redor do município quatro grupos de manchas – cinza a noroeste; marrom a leste; amarelo a sudeste e verde a sudoeste. As manchas se esparramam pelas cidades da região metropolitana e adentram a cidade de São Paulo. No centro dessas manchas, desponta a

⁹ *A desigualdade mora ao lado*, in Revista da Folha número 584, ano 12, 24 de agosto de 2003. A pesquisa foi realizada pelo Cedec (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea). Foram utilizados 8 indicadores sociais, dentre eles, rendimento médio mensal familiar, índice de mobilidade, coeficiente de viagens por lazer, jovens que não frequentam a escola etc.

¹⁰ Expressão que, no contexto da fala, significa ‘ir à pé’.

mancha azul, compacta, que abrange o que Villaça denominou de quadrante sudoeste, espaço diferenciado que reúne os bairros de mais alta renda, e que agrupa uma ampla malha de equipamentos públicos urbanos, do lazer ao transporte, passando por escolas e hospitais.

Esta mancha se encontra deslocada do centro geográfico, acompanhando um vetor de deslocamento centro-sudoeste, definido pela acessibilidade. Curiosamente, ela se desloca no sentido da mancha verde, de alta privação social, ou seja, concentração de bairros carentes, que abarcam dentre outros, a Chácara Santana (Jardim São Luiz) e o Campo Limpo, nunca demais dizer, locais dos saraus que analiso nesta pesquisa. De acordo com as informações contidas nesta cartografia da pobreza, os bairros contidos na mancha azul (quadrante sudoeste) possuem apenas



Mapa 1 - Os eixos de pobreza na metrópole de São Paulo
fonte:IBGE

1% da sua população (1,2 milhão de habitantes) em áreas de privação social¹¹, sendo que a renda média do chefe de família é de quase 24 salários mínimos (23,9)¹². Aí reside a classe política e economicamente dominante da metrópole, que dispõe, como vimos, da proximidade dos equipamentos de comando da sociedade, adaptados a seu meio de transporte por excelência, o automóvel. Há de se considerar a importância desse aspecto no que diz respeito ao controle dos tempos de deslocamento, o que determina, dentre outros, o controle do tempo e da energia despendida. Isso parece relevante se

¹¹ Entende-se por áreas de privação social, locais em que os responsáveis pelo domicílio têm baixa renda e escolaridade, com alta participação de mulheres, e em que há significativa presença de crianças e adolescentes (Fonte: Censo IBGE 2000).

¹² Segundo o censo de 2000, do IBGE.

considerarmos as dificuldades de deslocamento pelos longos trajetos do espaço urbano, principalmente para aqueles que, habitando as regiões menos favorecidas e mais distantes da cidade, se esfalfam diariamente traçando seus itinerários e suas articulações sociais.

Também observamos as grandes manchas de privação social que marcam a região metropolitana e que vive, por assim dizer, gravitam na órbita do quadrante sudoeste. Somando-se a população desta mancha periférica de pobreza (cinza-noroeste; marrom-leste; amarela-sudoeste e verde-sudoeste), temos um total de 7,2 milhões de habitantes (6 vezes mais que no quadrante sudoeste), sendo que desse total, temos em média aritmética, 66,5% das pessoas, dois terços do total, vivendo em alta privação social (contra apenas 1% observada no quadrante sudoeste), e a renda média do chefe de família é de 3,6 salários mínimos (contra 23,9 verificado no quadrante sudoeste). Usando uma expressão cunhada por Ferréz, escritor e um dos representantes da literatura marginal paulistana, é a cidade de lama, cuja discussão das agruras sociais da população das periferias é a pedra de toque de sua escritura. Em um artigo comemorativo dos 450 anos de São Paulo, ele escreveu:

“(...) Palavrão aqui na comunidade é ‘desemprego’, aqui é Sampa também, mas do marketing estamos além, fora da festa, fora da comemoração. Na área da barragem, onde vivem índios tupis-guaranis, ninguém está sabendo da festa. Em Campo Limpo, Grajaú e Brasilândia não vi ninguém encher de rosas nem ninguém restaurar, não vieram ao menos canalizar o córrego, no fim do dia não teve show, não teve visita de ninguém do poder público, mas vi um menino de sete anos na ponte esperando a esperança, só não sei por quanto tempo. A única coisa que representa o governo por aqui é a polícia, então todos já imaginam como ele é representado. Tá certo! São Paulo é nossa também, afinal, cuidamos do dinheiro, lavamos, vigiamos, passamos, limpamos, digitamos, afogamos mágoas em pequenos bares, vivemos em pequenos casulos, comemos o pouco de ração que sobrou do outro dia e ainda dizemos amém. Sampa city, você é meu berço, pois não nascemos com nenhum de verdade. Construimos e não moramos, fritamos e não comemos, passamos vontade, mas passamos adiante (...)”¹³.

Parte dessa população pobre migra diariamente para a região do quadrante sudoeste, empregada em centros de comércio e serviços que atendem a um universo populacional que é o seu contraponto: quantitativamente bem menor e reside e trabalha em sua própria região, em atividades qualificadas profissional e financeiramente, a cidade de concreto, no entendimento de Ferréz. Ainda considerando o já citado “Atlas da Exclusão Social – Os ricos no Brasil”, se tomarmos dez distritos da cidade de São Paulo, (Jardim Paulista, Moema, Itaim, Perdizes, Vila Mariana, Pinheiros, Morumbi, Santo Amaro, Consolação e Alto de Pinheiros, todos localizados no denominado quadrilátero sudoeste), verificaremos que eles – 10,4% do total de distritos de São Paulo – concentram mais da metade das famílias de alta renda

¹³ Ferréz, *Sobreviver em São Paulo*, artigo publicado na Folha de São Paulo, 25.01.2004.

da cidade (51%)¹⁴. Segundo dados do IBGE do censo de 2000, em bairros como Moema, Jardim Paulista, Alto de Pinheiros, a renda familiar ultrapassa os 45 salários mínimos, sendo que no Morumbi chega a 62 salários. Em contrapartida, nos extremos leste (Lajeado, Cidade Tiradentes, Iguatemi, Jardim Helena) e sul (Capão Redondo, Jardim Ângela, Grajaú) ela mal atinge os 5 salários mínimos, em média.

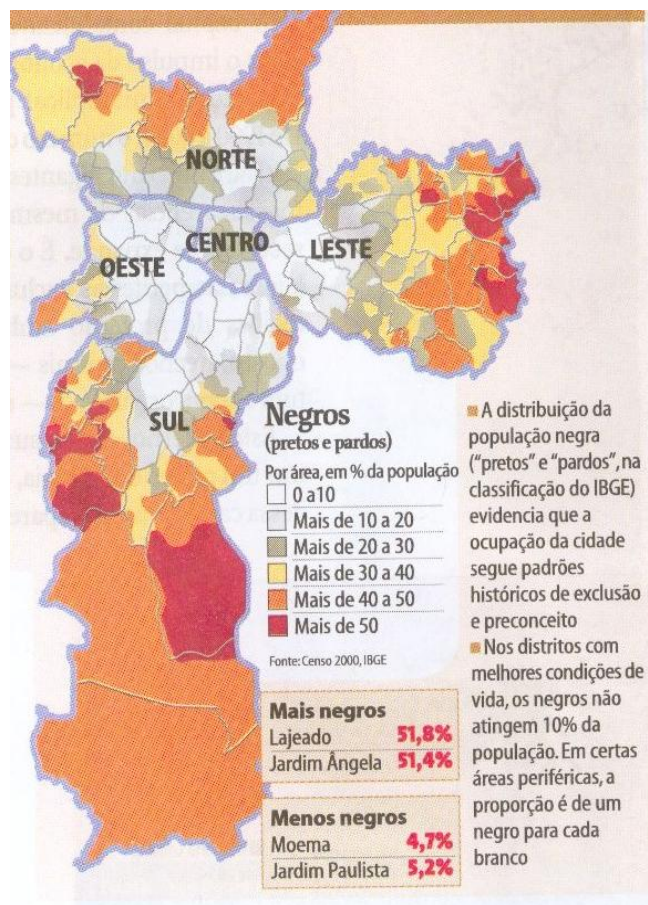
Outro aspecto relevante na composição deste quadro de desigualdade é a concentração da população negra nas áreas mais afastadas e, conseqüentemente, de menor renda. Em bairros como Lajeado e Jardim Ângela o percentual de negros é superior a 51%, enquanto em bairros como Moema e Jardim Paulista, bairros do quadrante sudoeste, a população negra é de 5% (ver mapa 2). Se considerarmos a área do quadrante sudoeste e os bairros limítrofes, tanto a leste, Mooca, Belém, Tatuapé, como ao norte (Santana, Tucuruvi), bairros que sofrem a expansão da especulação imobiliária, recebendo novos empreendimentos que atendem as classes de alta renda, temos índices inferiores a 10% de população negra. O centro histórico é uma exceção – de 20 a 30% da população é negra e pobre em razão do alto índice de indigentes e moradores de rua.

De outra parte, nos extremos leste, sudoeste, sudeste e noroeste, que como vimos integram a mancha de alta privação social metropolitana, 40 a 50% da população é negra, em alguns bairros ultrapassando 50%, o que demonstra que a desigualdade social não se traduz apenas pela iniquidade na distribuição de renda, mas que por trás dessa desigualdade há um forte componente racial.

Nesta altura, nunca é demais lembrar o processo histórico que jogou os negros para a situação de precariedade no mercado de trabalho e de moradia. Segundo Teresinha Bernardo, ao falar da constituição do mito da democracia brasileira, diz:

“O processo de industrialização e de urbanização provocou, de um lado, transformações nas relações socioeconômicas próprias do modelo paternalista, que mudou para um sistema competitivo. Se o preconceito habitava o modelo anterior, embora não fosse tão necessário, com o desenvolvimento das novas relações o racismo tornou-se necessário, mas não podia ser visto, devia ser encoberto, pois o país marchava rumo ao progresso, à modernidade, com seus processos de higienização que tiravam o negro das ruas centrais porque o Brasil se pretendia branco” (BERNARDO; CLEMENTE, 2008, p. 45).

¹⁴ Fonte: Atlas da Exclusão Social, volume 3, São Paulo, Cortez Editora, 2004, pg. 152. Segundo nota explicativa ao pé da página, “*distrito é uma divisão oficial adotada pela prefeitura da cidade e pelo IBGE e cada um engloba vários bairros, embora não obedeça exatamente os mesmos limites*”.



Mapa 2 - Distribuição de negros e brancos em São Paulo
fonte: IBGE

Podemos aqui, portanto, destacar o processo histórico em que se acentua a desigualdade social e racial na cidade de São Paulo. Em fins do século XIX, por ocasião do fim da escravidão no Brasil, em pleno processo de desenvolvimento econômico, a migração europeia é incentivada, em detrimento da presença do negro. De acordo com Maria Nilza da Silva,

“A preocupação com o desenvolvimento econômico, que deixava de lado os aspectos sociais da vida de parte da população, provocou grave desequilíbrio com consequências na atualidade. Com a eliminação do escravo, surge o negro no cenário, na categoria social inferior, de extrema pobreza, conquanto houvesse a tentativa de ‘esquecimento’ e de banimento de sua presença” (SILVA, 2006, p. 75).

Segundo Silva, a cidade de São Paulo se transforma com essa “nova ordem competitiva”, levando o negro a permanecer à margem das ‘novas estruturas sociais’. Com o fim do trabalho servil, o negro simplesmente perde sua função dentro do sistema econômico e como consequência, “a marginalização foi a única ‘opção’ oferecida ao negro que assistiu às transformações da cidade de São Paulo e da sociedade brasileira, sem poder usufruir e participar das mesmas” (idem, p. 76).

Os desdobramentos dessa conjuntura social levam, nos dias de hoje, a um sério déficit da participação do negro na sociedade. Em nenhum momento sua situação melhora com o crescimento econômico industrial da cidade alcançado pela cidade, ao contrário, permaneceu confinado às margens do processo, usufruindo-o de modo ocasional e desproporcional, se observarmos

que “(...) o negro somente foi absorvido pelo mercado de trabalho somente quando não houve outra mão-de-obra disponível” (idem, p. 80).

De acordo com Villaça, é preciso compreender que a segregação espacial também diz respeito à estrutura urbana, à maneira como se desenvolveu historicamente. Por trás dessa estrutura urbana encontraremos o discurso e as concepções ideológicas do poder público, voltadas para a produção do espaço (VILLAÇA, 2001). Daí a importância dos investimentos em equipamentos viários, facilitando a acessibilidade e valorizando os imóveis no espaço diferenciado (segregado). Um exemplo disso é a operação urbana na região da avenida Águas Espraiadas (atual Roberto Marinho), que já resultou antes de sua conclusão na valorização em 10% dos lotes da região (2006). As obras envolvem alças de acesso dessa avenida para as Marginais (a famosa ponte estaiada, com custos estimados em R\$ 250 milhões) e no sentido da outra extremidade, a extensão para o bairro do Jabaquara e rodovia dos Imigrantes. O poder público financia a operação a partir da venda de Cepacs¹⁵ e quem ganha, no caso, são as construtoras e incorporadoras, que planejam para o futuro a construção de prédios residenciais com unidades de quatro dormitórios, no bairro do Campo Belo, e de escritórios, na própria avenida Roberto Marinho¹⁶. Temos assim avenidas de acesso modernas, com conexões para vias expressas, que permitem o deslocamento rápido e eficiente para a classe de alta renda (que dispõe de meio de transporte particular – e nunca é demais repetir, a cidade se redesenha a partir da presença do automóvel), que por sua vez tomará as precauções de não instalar sua moradia diretamente à margem destas vias, mas em redutos menos expostos, mais seguros e vigiados. Aí ela implantará suas áreas exclusivas de convívio.

Em um caso como esse, e para além das melhorias nesta região de alta renda, Ermínia Maricato afirma que a intenção é o investimento “(...) segundo a lógica da geração e captação das rendas fundiária e imobiliária, que tem como uma de suas consequências o aumento dos preços de terrenos e imóveis” (MARICATO, 2001, p. 158-9).

É um bom exemplo para expressar a ideia da reprodução do espaço, que além de gerar o desenvolvimento da vida urbana (nem sempre em comunhão com o bem comum geograficamente distribuído pela metrópole), visa, sobretudo, a acumulação do capital (CARLOS, 1994).

3 – A SEGREGAÇÃO URBANA

Para analisar a produção de cultura (poesia) pela população mais pobre nos territórios da precariedade de São Paulo, cabe ainda destacar a contribuição da sociologia urbana de Yves Grafmeyer. Para chegarmos a sua leitura sobre os processos de segregação urbana, vale começarmos por sua ideia do fenômeno urbano, como sendo um processo contínuo, em que ocorre uma reorganização constante do modo de convívio, considerando as formas de aproximação, de encontro, de reunião (aglomeração), e como se dá a estabilização desse processo, considerando a “configuração perene inscrita

¹⁵ *Cepacs*, certificado de potencial adicional de construção. São instrumentos de captação de recursos para financiar obras públicas. Investidores interessados compram do poder público o direito de construir além dos limites normais, em áreas que receberão ampliação da infraestrutura urbana.

¹⁶ Matéria publicada na *Folha de São Paulo*, caderno de Imóveis, 30.10.2005.

num lugar” (GRAFMEYER, 1994, p. 15). Os saraus localizados nas periferias de São Paulo, especificamente os analisados aqui – o do Binho, no Campo Limpo, e o da Cooperifa, na Chácara Santana – se inserem nesta realidade em que as relações locais são proeminentes, seja no modo em que se estabelecem, seja nas possibilidades de idealização.

A configuração perene das periferias nos permite reafirmar o convívio marcado pelas carências as mais diversas, do trabalho ao entretenimento, pelo distanciamento do poder público e a consequente restrição de equipamentos urbanos (creches, escolas, postos de saúde etc), o que enseja a oportunidade rica dos saraus e as perspectivas da escritura marginal, produzindo cidadania a partir de sua contundência, de suas ambições, do seu modo de realizar-se, da sua sedução. Todas essas características nascem e desenvolvem-se no contexto específico da realidade cotidiana das periferias, ainda que possamos entendê-la como integrante de uma realidade cotidiana maior, de uma configuração perene que abarca toda a dinâmica de uma metrópole, e que para Grafmeyer, se faz pelas “proximidades desejadas”, em que as relações resultam de um movimento programado, de encontros almejados, bem como das “proximidades sofridas”, ou inesperadas, em que a dinâmica social se encarrega em produzir, multiplicando os “encontros não-programados”.

A cidade, conjunto, a soma de suas partes, propicia a justaposição entre grupos humanos, que conduz a uma interdependência entre eles (idem, p. 17), ainda que a “heterogeneidade cultural e social” (Louis Wirth) seja descartada como um aspecto importante e necessário para uma vida saudável na metrópole contemporânea. Bauman, em *Comunidade*, já chama atenção para esse ponto, ao mostrar que o diferente passa a ser uma ameaça à segurança dos que vivem “na comunidade do bairro seguro”, o enclave homogêneo das classes mais favorecidas, fazendo com que a segregação urbana, pautada na desigualdade social, se aprofunde, ainda que se observe as “tensões entre a territorialidade e a mobilidade, entre a proximidade e a distância nas interações cotidianas, entre a afirmação de identidade e a experiência do outro, entre a diversidade dos meios humanos que moldam a cidade(...)” (GRAFMEYER, 1994, p. 23). Ainda a partir de Wirth, Grafmeyer prossegue na abordagem da mobilidade urbana como um fator essencial para a plenitude da multiplicidade dos encontros, para a realização da heterogeneidade social e cultural, característico do mundo urbano.

Se ocorre um processo de segregação, ele não impede, portanto, os desdobramentos das relações urbanas, para além dos limites previstos ou desejados, pois na maior parte das vezes, ocorrem “rupturas nas pertencas, reorganização nas atitudes e no comportamento, mudanças de espaço de vida” (GRAFMEYER, 1994, p. 30). Telles, com o mesmo olhar que Grafmeyer ponto, aprofunda a ideia sobre as consequências dessas rupturas e reorganizações, ao se perguntar “de que modo as novas realidades do trabalho (e do não-trabalho) redesenham os espaços urbanos e seus territórios e redefinem práticas sociais e os circuitos que articulam moradia, trabalho e serviços” (TELLES, 2006, p. 49).

Para Grafmeyer, “o espaço é uma mediação da vida urbana” (GRAFMEYER, 1994, p. 34), e a partir daí podemos compreender a funcionalidade da sua organização social. No caso de São Paulo, não ocorre o

modelo de distribuição populacional no esquema de “círculos concêntricos”¹⁷, mas em um esquema nodular, com base em enclaves que definem uma pertença social (o conceito dos guetos, em Bauman, ou do espaço segregado, em Villaça). Desenvolve-se de acordo com esse modelo a valorização imobiliária de uma centralidade, cujo “valor de solo e preços imobiliários tendem a decrescer desde o centro até às periferias” (GRAFMEYER, 1994, p. 43-44). Se tomarmos o desenvolvimento dessa ideia em Villaça, muito oportuna para o caso de São Paulo, temos o já visto quadrante sudoeste, onde as classes de maior renda estruturam “as vantagens e desvantagens do espaço urbano” (VILLAÇA, 2001, p. 328). A valorização imobiliária nesse modelo também não ocorre em decréscimo regular, partindo dessa centralidade estruturada para as partes mais periféricas, pelo simples fato (já abordado) de São Paulo não dispor de um processo homogêneo de segregação no espaço, que se desenvolva dentro do conceito de círculos concêntricos.

Assim, em uma cidade permeada por bolsões de pobreza, interceptados por enclaves de classes mais favorecidas, a trama do cotidiano desenvolve-se em meio ao entrecruzamento das histórias, “na dinâmica da produção dos espaços e territórios” (TELLES, 2006, p. 79), eis o palco onde ocorrem as motivações das escrituras marginais. Ou seja, narrativas que exprimem os modos de convívio, que nos permite dizer que “as configurações urbanas são o resultado da história acumulada” (GRAFMEYER, 1994, p. 45), de onde o território percorrido e vivenciado apresenta suas nuances, os modos de ocupação e reprodução do espaço. Podemos então retomar a ideia da segregação, dos “espaços diferenciados burgueses” (VILLAÇA, 2001, p. 313), e dos espaços de pobreza, marcados pela “precariedade e trajetórias de insucesso” (GRAFMEYER, 1994, p. 48).

Para Grafmeyer, é importante destacar que “qualquer que seja a maneira como a definimos, a segregação é sempre, ao mesmo tempo, um fato social de distanciação e uma separação física” (idem, p. 51). Em São Paulo, tal separação pode se dar no mesmo bairro, no mesmo distrito, embora seja importante realçar “os circuitos da vida urbana que se ampliam e se diversificam” (TELLES, 2006, p. 92), a fragmentação da cidade não confinando de um lado o enclave fortificado e de outro, o mundo da pobreza. Em outras palavras, não é possível caracterizar de modo rígido os global players, em seu mundo maravilhoso, e os excluídos sociais, sem que ambos os circuitos não se entrecruzem e contatem constantemente. As pessoas se deslocam e se movimentam, desvencilhando-se

“(…) das binaridades (centro-periferia; emprego-desemprego; formal-informal) para apreender a nervura própria do campo social, fazendo com que entendamos as reconfigurações do trabalho (que) redesenham os mundo sociais e seus circuitos, os campos de práticas e relações de força que fazem a tessitura da cidade e seus espaços” (TELLES, 2006, p. 96-97).

¹⁷ Segundo Grafmeyer, no esquema concêntrico “os cidadãos distribuem-se em zonas relativamente características, desde o centro administrativo até às longínquas coroas suburbanas, em função da sua antiguidade na cidade, da sua posição social e do seu modo de vida” (pg. 42). Há, contudo, estudos que procuram desvendar a cidade de São Paulo, dividindo-a em anéis central, intermediário e periférico.

A compreensão dessa nova tessitura urbana e dos percursos produzidos no cotidiano não impedem que se verifique e se constate a separação física observada por Grafmeyer, “a proximidade não é a garantia da proximidade social (...)” (GRAFMEYER, 1994, p. 51). O autor utiliza o termo deslocamentos cotidianos, no lugar de mobilidade ou trajetórias (Telles), quando se refere ao movimento intra-urbano. E no que diz respeito às sociabilidades, elas se pautam de acordo

“(...) com os níveis socioculturais e as trajetórias (comportamento) de vida dos cidadãos, as suas redes relacionais são desigualmente abertas, desigualmente articuladas aos territórios e desigualmente sensíveis aos efeitos de proximidade” (GRAFMEYER, 1994, p. 110).

Podemos dimensionar a presença dos saraus em função do que foi dito no início deste capítulo, das demandas específicas de uma configuração perene, de um segmento da sociedade deslocado para territórios da precariedade, articulado desigualmente em torno de um projeto cultural que mobiliza desigualmente em torno dos desejos coletivos de transformação. Como diz Sérgio Vaz, “O grande mérito da Cooperifa é ter tirado da Casa Grande e ter trazido pra Senzala. Aqui a gente não transforma as pessoas em escritores, em poetas... transforma as pessoas em cidadãs, que entendem o que está acontecendo no país, e por conta disso escrevem poesias”¹⁸.

4. PERFORMANCE E POESIA

Ao falar dos saraus, falo não só dos encontros em si, sua dinâmica, a construção da *escritura marginal*, mas sobretudo do conjunto dos autores que os integram, culminando na performance poética. Ainda que existam muitos jovens – até 25 anos – eles não constituem a maioria (v. quadro 1). Os poetas performáticos se originam das mais diversas atividades profissionais, e se reúnem nos saraus para proclamar a realidade de seu mundo, para descrever suas angústias existenciais, para condenarem a indiferença a que se consideram submetidos pelos segmentos sociais mais ricos da cidade. É através da prática da escritura que incorporam sua voz ao esforço por maior visibilidade social, deixando explícito o seu propósito. Ao estudar a constituição dos saraus da periferia, procuro entender esse *olhar inconformado e resistente*, compreendendo-o a partir da sua lógica intrínseca.

Falo aqui da palavra, escrita em um primeiro momento e que, no sarau, se mostra em um rito performático. Como diz Paul Zumthor, “O poema, animado pela voz, se identifica ao que faz existir na ordem das percepções, das emoções, da inteligência (...)” (ZUMTHOR, 1997, p. 276). A palavra que não se esconde, e que ao se mostrar, quebra o silêncio, “se afasta da ordem muda” (idem, ibidem). E se falo de rito, desejo demonstrar o movimento de poetas cruzando o espaço urbano para alcançar o local em que principiam sua transformação cidadã a partir da poesia e do gesto. De acordo com Zumthor, “No rito, de fato, a voz poética fala uma língua comum aos mortais e aos deuses” (idem, p. 277). Quem vê e ouve uma declamação do poeta Helber, compreende essa afirmação de Zumthor. Tive a oportunidade de vê-lo evocar o poema *Navio Negroiro* de Castro Alves, junto com seu filho de 9 anos, Calebe, mais de uma vez. Seus gestos serenos, em meio ao caminhar suave por entre

¹⁸ Depoimento de Sérgio Vaz no filme *Povo lindo, povo inteligente*, 2008.

as mesas de expectadores que a tudo acompanhavam em profundo silêncio extático, estrofe após estrofe, não só pela beleza do texto, mas pela riqueza da interpretação, verdadeiro cativo aprisionado em um navio tumbeiro, singrando por um mar de pessoas. Mas também pude vê-lo declamar sua poesia, *Antônio*, em forma de prosa:

“Antônio saiu do trampo louco para ver o filho. A 10 metros de casa ele leva um tiro. No momento em que viu, os olhos arregalados, o dedo indicativo se movendo, não deu tempo de sentir medo, a bala já queimava o seu peito. Primeiro atiraram, depois conferiram seus documentos. Na carteira uma foto de um recém-nascido junto à certidão de nascimento. O barulho dos disparos da cabeça do seu João não sai mais. Ele, que era avô, passou a ser pai. Sofre todas as vezes que o neto pergunta:

(voz do filho) – Vovô, onde está meu pai?

(...)

A burguesia que hoje tem o sorriso desfeito pela insegurança, porque a grana não garante a segurança, a cidade se transformou em um campo de batalha de uma guerra antes ocultada. É a formação de uma má educação e uma saúde precária, é o reflexo de uma classe social ignorada, é o sangue do morro escorrendo na calçada, o mesmo sangue que escorria na senzala e são os mesmos vampiros sugando e dando risada”.

A noite apenas começa. A poesia ganha os corações dos presentes, embalados pelos sonhos e desejos proclamados. E participam, pois nem todas as poesias são novas, unindo-se ao final à voz do poeta, num coro em uníssono, bem ensaiado. Sente-se o que Cortazar disse uma vez sobre a poesia: *“Todo poeta parece sentir que cantar um objeto (um tema) equivale a apropriar-se dele em essência; que só pode ir-se até outra coisa e ingressar nela pela via da celebração”*¹⁹. Do silêncio que apreende, o público saboreia cada palavra lançada e enaltece com o espocar de palmas e vivas, que irrompe em um frenesi de alegria e realização. Como diz Zumthor, *“(...) a poesia oral cumpre assim uma função mais lúdica que estética: ela garante essa partida no concerto vital, na liturgia cósmica. Ao mesmo tempo, é enigma, ensinamento, divertimento e luta”.* (idem, ibidem).

As carências cotidianas transformam-se na matriz dos relatos performáticos, interpelando o ouvinte, convocando-o a intervir como integrante fundamental da poesia vocal (ZUMTHOR, 2005). Os saraus são esses encontros de sagração poética, eles têm a força de irmanar os frequentadores em um espírito de coletividade, que desvela paulatinamente – via escritura – o mundo em que vivem, em seus ângulos menos comuns e mais surpreendentes. Não há a preocupação em se produzir uma *literatura bem escrita*, para agradar a crítica literária aninhada nos grandes veículos de comunicação ou na academia. Como diz Sérgio Vaz, em resposta a uma crítica negativa de um escritor, sobre a literatura produzida nas periferias,

“Eu duvido que ele tenha lido cinco livros produzidos na periferia, mas sendo da academia eu entendo a arrogância. Também acho que pra ele não deve ser fácil ter de ouvir nós mesmos escrevermos a nossa história. Não deve ser fácil para ele que durante muitos anos

¹⁹ Cortazar, J. *Obra Crítica*. Buenos Aires, Suma de Letras Argentinas, 2004, p. 385.

foram protagonistas da nossa própria história, e hoje eles pegam os livros (e vêem) que nós estamos contando nossa história. Eu entendo isso, eu acho que a literatura da periferia é grande, é muito forte, e a gente vai ter alguns problemas mesmo, e também entendo que muitas coisas têm de ser melhoradas”.

A função dos saraus se define em vários momentos, por seus próprios participantes, como um trabalho contínuo de construção do senso crítico, de um olhar que desvele o lugar em que vivem, a sua gente, os problemas do cotidiano, a ação urgente. Conhecer o lugar em que se vive torna-se uma condição necessária, uma vez que, ao se falar das carências e envolvê-las em ambições, há que se trazer a realidade cotidiana da periferia. Quando Sérgio Vaz afirma que “(...) *informação é poder (...), quem lê enxerga melhor*”²⁰, ele procura dar substância ao encontro poético, fazendo com que cada poeta tome consciência de sua maneira de ser no mundo. Ao exercitar a leitura, o indivíduo diminui a distância que o separa da cidadania, habilitando-se à elaboração do pensamento objetivo. De outra parte, ele aguça sua *sensorialidade*²¹, avançando também na elaboração da *analogia* poética, semelhança entre coisas diferentes a partir da imagem, da metáfora, da alegoria, do símbolo. A declamação da poesia constitui o fechamento desse processo incessante, seja na construção do espírito crítico, que permite encaminhar objetivamente os anseios da comunidade, como também na manifestação da subjetividade, ao se falar dos sentimentos da alma em um espaço geográfico tão íngreme. Em ambos os casos, percebe-se a importância de se constituir uma voz, cujas “*palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores*” (ZUMTHOR, 2005, p. 157) para uma plateia de ouvintes que comunga as mesmas expectativas expressas em cada poema declamado.

No pequeno poema declamado pela poetisa Lígia, temos algo parecido a uma estrofe, uma breve oração proclamada com vigor, pausadamente, que em um primeiro momento surpreende o público, para no final explodir em uma longa e entusiasmada ovação:

*“Nenhum homem tem o direito
de seduzir uma mulher
e não amá-la intensamente”*

A catarse se produz em uma interação imediata entre artista e público, em um gozo longo e de profundo deleite, ou seja, as palavras por si só contundentes e reveladoras não encerraram o frêmito, mas ensejou sorrisos de felicidade, comentários, hurras que desvelavam identificação com o teor declamado, e um percurso da artista por entre mesas intensamente compartilhado.

Assim, a motivação em expor suas inquietudes mobiliza o poeta marginal à escritura e à declamação, numa relação dialógica com o público; o cidadão em interlocução com o grupo ao qual pertence. Essa *interação mágica* não seria possível se a mensagem não reverberasse os valores sensíveis do grupo. O silêncio dos 100, 200 ou 300 participantes evoca uma adesão irrestrita, criando condições para um rodízio de poetas e de temas, sem prejuízo da expectativa coletiva. A comunicação expressiva desse momento

²⁰ in blog *Colecionador de Pedras*, postagem de 01.02.08.

²¹ Para Antonio Cândido, *sensorialidade* é a capacidade de perceber viva e intensamente com os sentidos.

transcende a *vivência solipsista* do artista (CÂNDIDO, 2000, p. 21). Suas palavras expressam a forma e o conteúdo de sua obra, de imediato absorvidos pelo ouvinte, no que se constitui na interação mágica.

A postura silenciosa diz respeito ao reconhecimento do poeta, que transmite sua sabedoria, sua singela observação da realidade cotidiana. No palco da Cooperifa, destaca-se uma frase: *o silêncio é uma prece*. O ritual sacramenta o cuidado com as palavras lançadas. Da catarse, o apelo à transformação é continuado, não só pelo sentido dos versos recitados, como pelo calor dos gestos representados. Mesmo a proclamação ideológica ganha contornos de uma exaltação emotiva, que em seus poucos minutos, consegue envolver o público. É o que Paul Zumthor define como *performance*, termo que explica a conjugação gestual-sonora dos encontros poéticos.

Esses gestos e palavras que se intercalam em cada apresentação, para Zumthor é a realização poética plena, pois temos um conjunto que se complementa organicamente, *“uma reciprocidade de relações entre o interprete, o texto e o ouvinte”*, o que estabelece, no caso, uma profunda interação entre os três elementos. *“Eu’ sou ele, que canta ou recita, mas sou eu, somos nós (...)”* (ZUMTHOR, 2005, p. 93). A ideia é exatamente essa, o transe precede uma forma de compreensão da mensagem poética, fazendo com que o *laço ritual* de cada encontro proporcione uma percepção mais nítida da realidade social, da necessidade de se mobilizar.

Acompanhar os dois saraus nos dá um panorama suficiente, a meu ver, para compreender a movimentação dos jovens das periferias em relação a sua produção literária e sua apresentação, ou como sugiro tratar neste trabalho, à produção de uma *escritura marginal*. Não que a Cooperifa concentre a amplitude das manifestações escriturais periféricas, mas temos aí uma boa representação de como as redes da escritura marginal se organizam e propagam pelos diversos pontos das periferias. São casos de como a palavra se desdobrou em ação, ou intervenção cidadã, agregando além de poetas, artistas plásticos, grafiteiros, atores de teatro, grupos de rap e de dança em torno da intervenção cidadã.

Mais do que solicitar condolências e atenção para um pouco mais de migalhas, os participantes dos saraus tomam a iniciativa de proclamarem o amor por sua gente, bem como seu valor e suas virtudes. *“Conhecer, para criar a sua própria opinião sobre os temas, para que a gente saia um pouco da pobreza dos fatos e caia um pouco na riqueza das ideias”*²², insiste Sérgio Vaz. As performances poéticas são recheadas por outras atividades culturais, como as já citadas exposições de curta-metragens produzidos nas periferias (como o recém-inaugurado *Cinema na Laje*, no Bar do Zé Batidão) apresentação de *rappers*, enfim, a valorização de um desejo de pertencimento, que ousa concorrer com a sedução das novelas televisivas e jogos de futebol, subvertendo as tendências de apatia por um lado, e de violência por outro, para dar lugar a uma integração cultural rica em diversidade.

6. CONCLUSÃO

²² Depoimento de Sérgio Vaz no filme *Povo lindo, povo inteligente*.

Georg Simmel designou o termo blasé para esse comportamento distanciado, incapaz de reagir a novos estímulos. O indivíduo esfalma-se para preservar uma estrutura mental voltada para “a exatidão calculista da vida prática que a economia do dinheiro criou” (SIMMEL, 1976, p. 14), afastando-se do outro, acalentando seus temores com o entretenimento espetaculoso proporcionado pela indústria cultural. A novela das oito, o futebol televisionado ou o “big brother” são as formas mais acabadas de acomodação em nome do bem-estar, que levam as pessoas a constituir aquilo que Bauman denomina comunidade estética, onde “a avidez dos espectadores sobre banalidades notáveis confirmam que a solidão pode ser tolerada” (BAUMAN, 2000, p. 64). A consistência dessa “comunidade é instantânea, pronta para o uso e o descarte”, e nesse ritmo se passam os dias, a vida.

Romper com essa inércia comportamental é a primeira resistência do poeta das periferias. “O que é mais soturno? O sobrevoo do globocop ou o robocop de coturno?” (SHABAZZ, 2006, p. 73). A escritura marginal se alimenta de informação e conhecimento, mesclando-se com a matéria-prima bruta disponível em profusão, a invisibilidade cotidiana. A luta em forma de resistência cultural começa aí, transformar a palavra escrita em um aríete pela conquista de novos horizontes, menos efêmeros que a mesmice da indústria cultural oferece. Como diz Ernesto Sábato em seu último livro,

“El hombre de la postmodernidad está encadenado a las comodidades que le procura la técnica, no se atreve a hundirse en experiencias hondas como el amor o la solidaridad. Pero, paradójicamente, solo se salvará si pone su vida en riesgo por el otro hombre, por su prójimo, o su vecino, o el chico abandonado en el frío de la calle”.

Sábato, do alto de seus quase 100 anos, fez de seu depoimento uma declamação: há que se resistir, não é possível manter-se humano a essa velocidade. E declara a matéria de sua resistência: “El mundo nada puede contra un hombre que canta en la miséria”.

O processo de resistência se molda no esforço que agrega gente da mais diversa origem e formação; ele reside na luta que se pronuncia desigual. E se dá de uma forma firme e coerente, porque escorado em um sentimento profundo, que alimenta incansavelmente a alma do seu ator mais mobilizado, o poeta marginal, ou seja, a dor, esse sentimento que constitui a plataforma para as ações sociais nos territórios da precariedade.

Revela-se o apelo ao pertencimento, ao processo de identidade que vimos no capítulo anterior, chamado por uma das lideranças respeitadas dessa mobilização cultural periférica. A esperança de construir o respeito e a dignidade, substituindo a dor da marginalização social. O poeta marginal torna-se o artífice desta empreitada sem hora para acabar, tendo como inspiração a dor pessoal que se multiplica pelo seu coletivo. Em um momento de desalento pela morte de um amigo na quebrada, Dugueto Shabazz escreve:

“A impotência é uma das piores sensações. Chances anuladas, sonhos amputados, ideias tetraplégicas. Não se pode fazer nada. Nem para amenizar as angústias geradas por essa realidade incontrolável e dolorosa. (...) Ver mananciais de tristeza inconsoláveis vertendo de outros olhos não nos faria sentir melhor. Então o sofrimento se aloja no seu peito e faz um ninho. E todos os fatores que geram a causa angústia produzem o período fértil propício para a dor” (SHABAZZ, 2006, p. 29).

A dor transmutada em impotência, que atinge Shabazz. Sua escolha, assim como a de tantos outros, é a resistência possível, diante do papel branco, armado com uma caneta e extravasando o sonho e a realidade, a esperança e o desalento, sempre sob a rubrica da dor manifesta pela invisibilidade social. Mas ao assumir o compromisso da palavra, Shabazz, como todos os poetas marginais, estará reforçando sua condição humana junto ao seu povo, fomentando uma resistência silenciosa, com direito a uma vida mais justa e humana.

A conclusão possível deste trabalho está em constatar que a criação poética nos saraus faz resplandecer no horizonte das periferias o movimento pelos desejos subjetivos e coletivos de uma população cerceada pela ausência de cidadania, ou, como comentado um pouco acima, relegada à dor pela marginalização social. Desejos que articulam uma saudável inquietação cultural em meio ao vazio imaginativo, o individualismo, a alienação e a efemeridade produzidos na pós-modernidade.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2000;
_____. *Globalização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1999;
_____. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2004;
_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2005;
- BERNARDO, Teresinha; CLEMENTE, Claudelir C. *Diásporas, redes e guetos*. São Paulo, Educ, 2008;
- BIN, Marco Antonio. *A São Paulo de Person*. Dissertação (Comunicação e Semiótica), PUC SP, 1999;
- BRANDT, Vinicius C. (org). *São Paulo, trabalhar e viver*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989;
- CALDEIRA, Tereza P. *Cidade de Muros*. São Paulo, Ed. 34/Edusp, 2000;
- CAMARGO, Cândido P. et alii. *São Paulo 1975 – Crescimento e pobreza*. São Paulo, Ed. Loyola, 1982;
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Publifolha, 2000;
_____. *O Estudo analítico do poema*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006;
- CARLOS, Ana Fani. *A (Re)produção do Espaço Urbano*, São Paulo, Edusp, 1994;
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade – Volume II*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2001;
- DOLLFUS, Olivier. *O espaço geográfico*, São Paulo, Difel, 1982;
- FONSECA, Maria N. S. *Brasil afro-brasileiro*, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2006;
- GRAFMEYER, Yves, *Sociologia Urbana*. Lisboa, Europa-América, 1994;
- KOWARICK, L. et alii. *São Paulo 1975, crescimento e pobreza*. São Paulo, Ed. Loyola, 1982;

_____. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975;

MARICATO, Ermínia. "As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias".

ARANTES, O.; Vainer, C. e MARICATO, E. (orgs.). *A cidade do pensamento único*. São Paulo, ed. Vozes, 2001, p. 121-188;

NASCIMENTO, Érica P. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação (Antropologia Social), USP, 2006;

PEREIRA, Carlos Alberto M. et alii. *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000;

POCHMANN, M. et alii, *Atlas da exclusão social no Brasil, volume 2*. São Paulo, Ed. Cortez, 2003;

SÁBATO, Ernesto. *La Resistência*. Buenos Aires, Emecé Editores, 2006;

SANTOS, M. *Território e Sociedade* (entrevista). São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 3ª. ed. 2007;

SARLO, Beatriz. *Tempo Presente*. Rio de Janeiro, José Olympo Ed., 2005;

SHABAZZ, Dugueto. *Notícias Jugulares*. São Paulo, Edições Toró, 2006;

SILVA, Maria N. *Nem para todos é a cidade*. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2006;

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. São Paulo, Ed. Vozes, 2008;

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a saúde mental*, In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976;

SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995;

TELLES, Vera da Silva. *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo, Associação Ed. Humanitas, 2006;

VÉRAS, Maura P.B. *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo, Educ, 2003;

_____. *O bairro do Brás em São Paulo – Um século de transformações do espaço urbano ou diferentes versões da segregação social*. Tese (Ciências Sociais), PUC SP, 1991;

VILLAÇA, F. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo, Ed. Fapesp, 2001;

WACQUANT, Loic. *Parias Urbanos*. Buenos Aires, Manantial, 2007;

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2005;

_____. *Introdução à poesia oral*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1997;

